

OLHARES SOBRE O ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA

Irene Aparecida Affolter*
Ademir Paulo Girardello**

Resumo

A educação cumpre uma função social. Assim, em limiar de um século pragmático, dinâmico e volátil, a escola, bem como a docência, passam a ter novas exigências sociais. Nesse aspecto, para que os sujeitos tenham um concreto engajamento no mundo social, faz-se necessário não apenas o desenvolvimento de habilidades linguísticas na língua vernácula, todavia em uma língua estrangeira. Destarte, este trabalho concerniu ao esforço de investigação às principais contribuições de uma base epistemológica especializada a respeito das perspectivas do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Acerca da natureza metodológica do trabalho, a pesquisa foi exploratória quanto aos objetivos e de bibliografia em relação às fontes de informação, sendo a pesquisa bibliográfica amparada pela técnica da documentação indireta o principal procedimento de coleta de dados. Já com os dados, foram analisados qualitativamente em uma perspectiva crítico-reflexiva, dos quais se obtiveram intrigantes implicações. Primeira, a relevância da aprendizagem, domínio, competência e empenho linguístico-discursivos em uma língua estrangeira no limiar de uma era em que se intensificam as relações internacionais, o progresso tecnocientífico e a globalização. Segunda, os fatores que (in)viabilizam o efetivo processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Assim, inferindo, existem lacunas e paradigmas educacionais. Por conseguinte, o processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras está falho. Um dos primeiros passos à reversão desse panorama é compreender a língua como um fenômeno essencialmente oral, a heterogeneidade da discência, o protagonismo na aprendizagem. Enfim, ter a prática pedagógica consolidada na aplicabilidade, na utilidade, na significação real dos conteúdos e nas atividades para a aprendizagem discente, e, significativamente, no lúdico.

Palavras-chave: Educação. Ensino-aprendizagem. Língua Inglesa. Perspectivas.

1 INTRODUÇÃO

A função social da educação no progresso global das pessoas, cada vez mais, ascende-se, e traz consigo uma série de novas aquisições.

Em limiar de um século em que, em detrimento dos avanços científico-tecnológicos, acentuam-se as exigências sociais, em larga escala, a escola, bem como a docência, passam a ter novos objetivos a conquistar, principalmente pelo crivo de excelência e competitividade exigidas das pessoas por esta era.

Em meio a esse contexto, não se fazem necessários o domínio, a competência e o desempenho linguístico-discursivos somente na língua vernácula. Não obstante que, para que efetivamente as pessoas tenham acesso ao conhecimento sócio-histórico construído, encontrem-se imersas nas mais diversas relações sociais, interajam no universo social e dominem uma segunda língua – uma língua estrangeira.

Acerca disso, põe-se à tona o domínio de qual língua estrangeira, porquanto são diversas e cada uma tem suma relevância para a comunidade usuária. Como argumentação, para tal, de um lado, deve-se analisar a relevância social da aprendizagem, suas finalidades.

De outro, de generalizações, deve-se enfatizar o engajamento em línguas estrangeiras de maior prestígio social, que sem dúvida a língua inglesa não poderia deixar de ser mencionada. Algumas línguas, em função de questões históricas, militares, políticas, econômicas e sociais, acabam por alavancar sua expansão para além de suas autênticas fronteiras geográfico-linguísticas.

* Professora de Língua Inglesa na Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; Rua Dirceu Giordani, 696, Jardim Tarumã, 89820-000, Xanxerê, SC; irenefisk@gmail.com

**Graduando do Curso de Letras da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; ademir_girardello@hotmail.com

No caso da língua inglesa, atualmente, é uma das línguas mais difundidas e de maior relevância no cenário mundial. Isso em razão da necessidade de uma língua comum na comunidade global, do crescimento da autoridade socioeconômica e política dos Estados Unidos, da expansão britânica (fortificada pela Revolução Industrial), da globalização, do aumento das relações internacionais, do progresso das tecnologias e das informações.

De qualquer maneira, independentemente de qual língua estrangeira, a aprendizagem de uma segunda língua – a formação plurilinguística – rompe com barreiras de exclusão e auxilia na emancipação social dos sujeitos.

Destarte, o aprendizado de uma língua estrangeira contribui significativamente para o processo educativo e ultrapassa os âmbitos de uma mera assimilação de saberes linguísticos, haja vista que propicia uma concreta reflexão acerca do funcionamento da linguagem e das línguas.

2 O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: APROXIMAÇÕES

Antes do direcionamento ao âmago do ensino e à aprendizagem de línguas estrangeiras, é necessário compreender de maneira concisa a relevância da linguagem na formação dos seres humanos e, em destaque, na assimilação do conhecimento.

Os seres humanos se constituem em situações significativas, nas (e por meio das) práticas sociais. Para Bakhtin (1988, p. 113), “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros.” Assim, põe-se à tona a principal categorização da concepção de linguagem do viés bakhtiniano – a interação verbal, no fenômeno dialógico. Nesse aspecto, a aprendizagem efetivamente significativa ocorre da relação de um sujeito com outrem.

Na proposição de Vygotsky (1989), as funções superiores da mente se formam da ideação inter à intrapsíquica. Destarte, a evolução humana de biológico a sócio-histórico está em detrimento das relações dialéticas que se mantêm com o outro, por meio da mediação da linguagem.

Assim, de acordo com a Proposta Curricular de Santa Catarina (SANTA CATARINA, 1998, p. 88), a relevância da aprendizagem da língua estrangeira se configura em quatro principais aspectos:

1. O domínio de uma LE [Língua Estrangeira] se constitui em mais uma possibilidade de ampliação do universo cultural do aluno, possibilitando-lhe o acesso e a apropriação de conhecimentos de outras culturas [...];
2. Esse processo de aprendizagem desenvolve no aluno estratégias importantes para o desenvolvimento do pensamento e aquisição do conhecimento sistematizado [...];
3. [...] quanto mais línguas o sujeito dominar tanto maiores serão as oportunidades de apropriação dos conhecimentos de outras culturas, para melhor compreender a sua e interagir com o seu meio [...];
4. Num mundo em que os avanços tecnológicos aproximam povos, instituições e indivíduos, o estudo de uma língua estrangeira moderna torna-se fundamental.

Dessa maneira, a aprendizagem de uma língua estrangeira contribui na ampliação do sistema de significados que um sujeito já tem.

À luz da teoria vygotskyana, “[...] a criança pode transferir para a nova língua o sistema de significados que já possui na sua própria. O oposto também é verdadeiro – uma língua estrangeira facilita o domínio das formas mais elevadas da língua materna.” (VYGOTSKY, 1987, p. 94).

Dessa forma, a aprendizagem de uma língua estrangeira permite o desenvolvimento de muitas funções intelectuais. A partir do saber sistêmico da língua vernácula e o sistema de significados, o aluno passa a transferi-lo para língua estrangeira, ou seja, ocorre uma interação dialética entre as línguas.

Quanto à relevância de se saber outras línguas no processo de assimilação de conhecimentos de outras culturas, deve-se ao fato de que é por meio da linguagem que o pensamento se desenvolve e se organiza e que por meio dela ocorre a assimilação dos saberes.

A esse respeito, põem-se à luz as abordagens que orientam o processo de ensino- -aprendizagem de uma língua estrangeira.

Quadro 1 – As três principais abordagens ao ensino de línguas

LEARNING	DRILLING	ACQUISITION
Artificial	Artificial	Natural
Technical	Mechanical	Personal
Priority on the written language	Priority on the spoken language	Priority on the spoken language
Theory (language analysis)	Pattern practice (decontextualized language)	Practice (language in use)
Deductive teaching (rule-driven; top-down)	No reasoning	Inductive coaching (rule-discovery; bottom-up)
Preset syllabus	Preset syllabus	Improvised activities
Activities ABOUT the language	Activities WITH the language	Activities IN the language
Focus on form	Focus on speech	Focus on communication
Produces knowledge	Habit formation	Develops an ability

Fonte: Schütz (2009, p. 13).

Percebe-se que, ainda em muitas escolas, o ensino de uma língua estrangeira ocorre com base nas proposições da abordagem learning (aprendizagem), em que o foco é o estudo formal para a obtenção e o acúmulo de conhecimento, com ênfase na habilidade linguística de escrita, por meio da gramática e tradução, com severa correção de desvios linguísticos, processo de correção rígido feito pelo próprio sujeito aprendente – o monitor (uma das hipóteses de Krashen, 1982). Este processo de aprendizagem, que exige a consciência no saber de regras gramaticais, é artificial e técnico, como contribui Krashen (1981).

A segunda abordagem, o drilling (treinamento), baseia-se na aprendizagem pelo hábito, repetição. Assim, a aprendizagem é artificial, mecânica, descontextualizada, enfatizando-se a língua oral, em que se forma um aluno pelo condicionamento, exercícios de fixação, repetição. A aprendizagem ocorre por automação.

Já a abordagem de acquisition (aquisição), teoria fundamentada e defendida por Krashen (1981), proporciona uma aprendizagem de maneira natural, fruto de interações em situações reais de relações humanas, com foco na língua oral, na prática, na improvisação, porquanto a língua é fundamentalmente um fenômeno oral, e em que o aluno é protagonista do aprendizado, sujeito ativo, aprende pelo contexto, não sendo a correção nem a tradução um fim em si mesmas. Por meio dessa abordagem, em um processo subconsciente e intuitivo, desenvolvem-se habilidades linguísticas em interações de contextos mais genuínos e autênticos.

2.1 FATORES QUE INFLUENCIAM NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Até o limiar deste século, a sociedade sofreu (e sofre!) muitas alterações. Esta é uma era ultramoderna, tecnológica, pragmática, de materialismo, acomodação. Em meio a esse contexto, questionam-se a atuação docente e a atribuição da educação.

O ser humano, se não é o mais, é um dos mais complexos seres representados na cadeia evolutiva. Quando se compara um sujeito com seu semelhante, as diferenças são visíveis imediatamente. E elas não se limitam a aspectos físicos, mas vão além: psicológico, biológico, mental, intelectual, entre outros.

A máxima de que existem múltiplas diferenças da comparação de um ser humano com outro também é válida na aprendizagem. Dificilmente um sujeito encontra as mesmas facilidades e dificuldades no aprendizado quando comparado a outro. Um pode ter maior identificação com a teoria. Já outro, com a prática.

Quanto à aprendizagem, cada sujeito tem seu ritmo, sua maneira de aprender. Uns têm maior facilidade com as letras, outros com os números. Ou seja, evidencia-se a ordem natural, hipótese de Krashen (1982). Nela, existe uma

ordem natural e previsível na aprendizagem da língua e suas regras. Com base nessa discussão, clama-se por fatores que influenciam e tornam um sujeito (in)apto à efetiva aprendizagem de uma língua estrangeira.

Conforme Schütz (2004), os principais fatores que influenciam na aprendizagem de línguas estrangeiras são:

- a) idade: concerne ao desenvolvimento psicobiológico do sujeito. Quanto mais cedo se começa, possivelmente maior será a aprendizagem;
- b) formação linguística: diz respeito à analogia das línguas, à relação dialética que mantêm entre si. A língua vernácula auxilia na assimilação da estrangeira e vice-versa;
- c) versatilidade linguística: facilidade que um sujeito tem na assimilação de mais de uma língua estrangeira;
- d) acuidade auditiva: percepção e aprendizagem pela audição e não pela visão;
- e) personalidade: interferência de características psicoafetivas na aprendizagem, como ansiedade, timidez, insegurança, não eloquência, perfeccionismo;
- f) memória: internalização real de saberes linguísticos em situações significativas e concretas de aprendizagem e com posterior exteriorização;
- g) disponibilidade mental: sem preocupações adversas à aprendizagem;
- h) motivação: didática e metodologia problematizadoras, significativas, atrativas, dialogadas. Iniciativa subjetiva do aluno de propensão à aprendizagem;
- i) independência: reconhecimento das habilidades e dificuldades linguísticas pelo sujeito;
- j) tempo de dedicação: grau de envolvimento efetivo com a língua estrangeira.

Destarte o ensino, bem como, relevantemente, a sólida aprendizagem, implica um ensino de qualidade; no caso da língua estrangeira, em especial, que o processo de ensino-aprendizagem ocorra em uma sala de aula autêntica, que propicie o máximo possível de aproximação da língua estrangeira com o grupo discente. Dito de outra maneira, explicita-se outra hipótese da teoria de Krashen (1982) – a do filtro afetivo. Nesta hipótese, os sentimentos funcionam como um filtro, (in)viabilizando a aquisição da língua. Para que a aquisição se efetive, é necessário que este filtro esteja fraco e/ou baixo, ou seja, que os sujeitos estejam com atividades positivas acerca da língua, com propensão e maior facilidade ao input linguístico.

Por parte da docência, que reconheça a subjetividade de cada aluno, que valorize o conhecimento prévio dele, seu conhecimento de mundo, por mais que empírico, todavia que serve de base para o saber científico e sistêmico.

3 A COMPETÊNCIA E O DESEMPENHO LINGUÍSTICO-COMUNICATIVOS

Hoje em dia, para ser um sujeito ativo e participativo socialmente, necessita-se da comunicação. Em contexto de um mundo cada vez mais globalizado, em que as relações internacionais se tornam cada vez mais frequentes, não somente é satisfatória uma boa expressão na língua vernácula, entretanto, em uma língua estrangeira.

A relevância do domínio de uma língua estrangeira, principalmente a língua da comunidade global e/ou línguas de maior prestígio no cenário mundial, é perceptível em muitos aspectos: na informatização, no mercado de trabalho, no meio universitário, no acesso à informação, à cultura, às tecnologias, entre outros.

Acerca disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais da língua estrangeira (PCNs), em uma perspectiva pragmática, explicitam que:

O desenvolvimento de habilidades comunicativas, em mais de uma língua, é fundamental para o acesso à sociedade da informação. Para que as pessoas tenham acesso mais igualitário

ao mundo acadêmico, ao mundo dos negócios e ao mundo da tecnologia etc., é indispensável que o ensino de Língua Estrangeira seja entendido e concretizado como o ensino que oferece instrumentos indispensáveis de trabalho. (BRASIL, 1998, p. 38).

Assim, coloca-se em discussão a competência e o desempenho linguístico- comunicativos, que, para tal, recorre-se às contribuições da teoria chomskyana.

Na proposição de Chomsky (1965), a competência denota o conhecimento da língua (este universal) e o desempenho e o uso efetivo desse saber em práticas concretas. Dessa forma, a competência diz respeito a um sistema abstrato de saberes da língua. Já o desempenho se refere ao uso destes saberes, à atuação.

Da análise dos subsídios conceituais e implicação no processo de ensino- aprendizagem, infere-se que todo o ser humano tem competência comunicativa, porquanto é encaminhado a desenvolver e/ou a dominar a capacidade de adequado uso da língua em situações comunicativas. Em outras palavras, pela necessidade de relações interpessoais e exteriorização do intrapessoal, o sujeito necessita pôr em uso seus conhecimentos armazenados em prática. Ele tem competência, mas precisa aperfeiçoá-la. Isso implica o input e o output linguísticos.

O input linguístico se refere a “[...] toda experiência proporcionada pelo uso que os demais fazem da linguagem em suas interações e, especialmente, ao comunicar-se com o próprio sujeito, é sua principal fonte de informação sobre a própria linguagem, sobre a cultura, e sobre o papel da linguagem na cultura.” (LUQUE; VILLA, 1995, p. 157).

Ou seja, o input faz alusão ao arcabouço de conhecimentos internalizados acerca da língua, àquilo que o sujeito recebe, à experiência linguística. Em contrapartida, o output se refere àquilo que se exterioriza, à produção.

Considerando as habilidades linguísticas (fala/escuta, leitura/escritura), conclui-se que a leitura e a escuta caracterizam o input, e a fala e a escrita, o output.

Com essas apreciações epistemológicas, percebe-se que o input mantém relação intrínseca com a competência e o output com o desempenho.

No campo de ensino-aprendizagem de línguas, a ênfase está erroneamente nas habilidades do output, e mais, requer-se um satisfatório desempenho por parte da discência. Não obstante, o aluno precisa de competência para demonstrar desempenho. A resposta está nas habilidades do input: leitura e escuta. Grosso modo, como o aluno vai falar sem acuidade auditiva? Como vai escrever se não lê?

O aluno precisa, antes de partir para a prática comunicativa, ter noções básicas da língua – conhecimento e efetiva compreensão dela. Assim, precisa se envolver em situações reais da cultura estrangeira, ouvir o rádio, músicas, assistir à televisão, a programas, ler livros, revistas, acessar a internet. Ou seja, para a boa prática, precisa-se da teoria. Para o bom desempenho, precisa-se da competência.

4 ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

A ênfase no processo de ensino-aprendizagem ocorre no teor de como o aluno aprende, bem mais de como se ensina. Não obstante, de suma relevância também é o caráter de como a docência democratiza o saber sistematizado.

Acerca disso, o aluno sempre é o sujeito ativo de sua aprendizagem. Dessa maneira, os recursos didático- metodológicos da docência devem corresponder a essa máxima, ou seja, que o grupo docente, a priori, reconheça a heterogeneidade e a diversidade das pessoas que compõem uma turma. Em fim, que se valha de um ensino atrativo, instigador, problematizador, dialogado, em que o aluno seja protagonista de sua aprendizagem, em situações reais e significativas, por meio de relações sociais e práticas comunicativas, que o livro didático seja um meio e não um fim, que se valorize o que aluno já sabe.

A respeito da aprendizagem, esta implica o planejamento, o qual requer atenção e consideração à subjetividade de cada aluno, ao seu ritmo de assimilação, à sua disponibilidade mental e, principalmente, ao fator motivação; com isso, nortear a prática pedagógica com atividades que conciliem as quatro habilidades linguísticas (podendo enfatizar uma ou outra, conforme a necessidade social do aprendiz), que sejam atrativas, que tenham valor significativo para o aluno, com aplicabilidade e utilidade social.

Da mesma maneira acerca da avaliação: proporcionar diferentes instrumentos avaliativos, porquanto cada sujeito tem suas facilidades e limitações. Uns se expressam melhor oralmente, outros podem ser pela escrita.

Nesse aspecto, de extrema relevância é a atenção às estratégias de ensino, que são um aporte para a docência conquistar seu espaço em sala de aula, de incitar a discência nesse processo de assimilação do saber. Não obstante, de outro lado, as estratégias de aprendizagem têm inquestionável papel na efetivação de tal processo.

Dessa maneira, faz-se necessária uma arguição de considerações epistemológicas a respeito de estratégias de aprendizagem de línguas estrangeiras.

Organograma 1 – Taxinomia das estratégias de aprendizagem



Fonte: adaptado de Oxford (1990).

Assim, as estratégias diretas se referem àquelas explícitas no processo de aprendizagem, enquanto as indiretas àquelas implícitas a ele.

No grupo das estratégias diretas, as de cognição servem para o entendimento e a exteriorização da língua; as de memória, para a lembrança e o resgate do conhecimento internalizado; e as de compensação, para o uso da língua apesar de possível limitação do conhecimento (improvisação). Já no grupo das estratégias indiretas, as de metacognição servem para ordenar o processo de aprendizagem; as de afetividade, para regular as emoções; e as de socialização, para a aprendizagem nas relações sociais.

Inferese-se que cada estratégia atua de maneira particularizada. Todavia, de forma articulada, ao mesmo tempo, às demais em um processo catalisador, visto que uma auxilia a outra, como no movimento dialético de uma sequência didática.

Por conseguinte, nesse aspecto, de inquestionável contribuição há as dinâmicas, as brincadeiras e os jogos. Em outras palavras, de certa maneira, o lúdico, e, em especial, sua contribuição para baixar o filtro afetivo, contribuindo na concreta aprendizagem.

Para Wallon (2007, p. 67), “A criança repete nas brincadeiras as impressões que acabou de viver. Reproduz, imita. Para as menores, a imitação é a regra das brincadeiras. A única acessível a elas enquanto não puderem ir além do modelo concreto, vivo, para ter acesso à instrução abstrata.”

Para o autor, é por meio da brincadeira que o sujeito internaliza conceitos e busca compreender a realidade em que está inserido. É o momento em que ele exterioriza as experiências vividas. Essas atividades possibilitam a modificação de sua consciência, ações, atitudes e conceitos.

Já nas contribuições de Piaget (1998, p. 139):

Cada ato de inteligência é definido pelo desequilíbrio entre duas tendências: acomodação e assimilação. Na assimilação, a criança incorpora eventos, objetos ou situações dentro de formas e pensamentos, que constituem as estruturas mentais organizadas. Na acomodação, as estruturas mentais existentes reorganizam-se para incorporar novos aspectos do ambiente externo. Durante o ato de inteligência, o sujeito adapta-se às exigências do ambiente

externo, enquanto, ao mesmo tempo, mantém sua estrutura mental intacta. O brincar neste caso é identificado pela primazia da assimilação sobre a acomodação. Ou seja, a criança assimila eventos e objetos a suas estruturas mentais.

Ou seja, o autor defende que o desenvolvimento intelectual (e estágios cognitivos) é seguido pelo lúdico. Destarte, a brincadeira/o jogo é a forma significativa pela qual a criança assimila o conhecimento.

Assim, de suma relevância é a inclusão do sujeito em situações em que seja protagonista e ativo no processo de sua aprendizagem. Ou seja, inclusão de variados recursos didáticos, metodológicos, dinâmicas, jogos e brincadeiras, como bingo, xadrez, trilha, amarelinha, batalha naval, jogo da velha, corrida de revezamento, jogo da força, jogo do stop, jogos de memória, caça-palavras, palavras cruzadas, entre muitos outros.

5 CONCLUSÃO

No transcurso desta pesquisa, concebeu-se que, no esforço de caracterizar as perspectivas do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, as autoridades intelectuais consentem entre si acerca da sua configuração: os aspectos, de diversas ordens, falhos nesse processo.

De um lado, a docência se prende ao livro didático para o ensino da língua estrangeira, não o encarando como mais um dos meios para tal processo. As estratégias de ensino se baseiam em exaustivos exercícios de fixação, de gramática, com atividades geralmente descontextualizadas, sem significações reais, que não zelam a subjetividade da discência, não prezam pela assimilação do conhecimento nas relações sociais e nas práticas comunicativas.

Por outro lado, na questão da aprendizagem, o aluno não encara de maneira concreta as atividades propostas como meios para o progresso de seu aprendizado, entretanto, como instrumentos avaliativos tão somente.

Por conseguinte, as primeiras alterações nesse panorama implicam planejamento docente, o qual requer compreensão das disparidades na cognição discente, utilização de atividades que propiciem a efetiva imersão dos alunos na língua estrangeira, que se valorize o conhecimento prévio e de mundo do aluno, que se possibilite sua expressão de diferentes maneiras, abra-se espaço para a improvisação. Em suma, é necessária uma reavaliação das estratégias de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, bem como da prática pedagógica.

Perspectives on teaching and learning of English

Abstract

Education fulfills a social function. Thus, on the threshold of a pragmatic, dynamic, volatile century, the school, as well as the teaching, is replaced by new social demands. This respect, so that the characters have a concrete engagement in the social world, it is not only necessary the development of language skills in the vernacular, however in a foreign language. In view of this, this paper referred to the research effort to the main contributions of a specialized and epistemological foundation about the prospects of the teaching and learning of foreign languages. About the methodological nature of the paper, the research was exploratory as to the objectives and literature research in relation to sources of information, being the bibliographical research, based on the technique of indirect documentation, the main procedure of data collection. With the data, they were analyzed qualitatively in a critical and reflective perspective of which were obtained intriguing implications. First, the relevance of learning, mastery, competence and commitment linguistic-discursive in a foreign language at the threshold of an era in which intensify international relations, the techno-scientific progress, globalization. Second, the factors that (do not) enable the effective teaching and learning process of foreign languages. Thus, inferring, there are educational gaps and paradigms. Therefore, the teaching and learning process of foreign languages is flawed. One of the first steps to reverse this scenario is to understand the language as a phenomenon essentially oral, the heterogeneity of students, and the role in learning. Finally, is to have the pedagogical practice consolidated in the applicability, utility, real meaning of the content and activities for learning students, and, significantly, in the playfulness. Keywords: Education. Teaching and learning. English. Perspectives.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- CARTER, R.; NUNAN, D. **Teaching english to speakers of other languages**. New York: Cambridge University Press, 2001.
- CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: The MIT Press, 1965.
- KRASHEN, S. **Principles and practice in second language acquisition**. Oxford: Pergamon Press, 1982.
- _____. **Second language acquisition and second language learning**. New York: Pergamon, 1981.
- LUQUE, A.; VILLA, I. Aquisição da linguagem. In: COLL, C.; PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A. (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- OXFORD, R. **Language learning strategies: what every teacher should know**. Massachusetts: Heinle Publishers, 1990.
- PIAGET, J. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.
- SANTA CATARINA (Estado). Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas curriculares**. Florianópolis: COGEN, 1998.
- SCHÜTZ, R. **O aprendizado de línguas**. Rio de Janeiro, 2009.
- _____. **O que é talento para línguas?** [s.l.], 2004. Disponível em: <<http://www.english.sk.com.br/sk-talen.html>>. Acesso em: 14 mar. 2013.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.